

ARTHUR CONAN DOYLE

SHERLOCK HOLMES

ARTHUR CONAN DOYLE

SHERLOCK HOLMES

A VOLTA DE SHERLOCK HOLMES

• TRADUÇÃO •

NATALIE GERHARDT

MICHELE GERHARDT MACCULLOCH

GABRIELA PERES GOMES



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
The return of Sherlock Holmes

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
Arthur Conan Doyle

Revisão
Agnaldo Alves

Tradução
Natalie Gerhardt
Michele Gerhardt MacCulloch
Gabriela Peres Gomes

Diagramação
Linea Editora

Imagens
Svitlana Varfolomieieva/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D754v Doyle, Arthur Conan

A volta de Sherlock Holmes / Arthur Conan Doyle ; traduzido por
Natalie Gerhardt, Michele Gerhardt MacCulloch, Gabriela Peres Gomes.
- Jandira : Principis, 2021.

352 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Sherlock Holmes)

Tradução de: The return of Sherlock Holmes
ISBN: 978-65-5552-437-6

1. Literatura inglesa. 2. Contos. I. Gerhardt, Natalie. II. MacCulloch,
Michele Gerhardt. III. Gomes, Gabriela Peres. IV. Título. V. Série.

2021-1198

CDD 823.91

CDU 821.111-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Contos 823.91
2. Literatura inglesa : Contos 821.111-3

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

A aventura da casa vazia.....	7
A aventura do construtor de Norwood	33
A aventura dos bonecos dançarinos	61
A aventura da ciclista solitária.....	91
A aventura da escola Priory	115
A aventura de Black Peter.....	151
A aventura de Charles Augustus Milverton.....	175
A aventura dos seis napoleões	195
A aventura dos três estudantes	221
A aventura do pincenê de ouro.....	243
A aventura do jogador desaparecido	270
A aventura da granja da abadia	295
A aventura da segunda mancha.....	321

Capítulo 1

• A AVENTURA DA CASA VAZIA •

TRADUÇÃO: NATALIE GERHARDT

Foi na primavera de 1894 que o assassinato do ilustre Ronald Adair, em circunstâncias bastante incomuns e inexplicáveis, despertou o interesse de toda Londres e a consternação da alta sociedade. O público já conhecia as particularidades do crime que foram descobertas durante a investigação policial, mas grande parte dos detalhes não foi divulgada, uma vez que o caso da Promotoria era forte o suficiente, não sendo necessário apresentar todos os fatos. Só agora, quase dez anos depois, tenho a autorização para revelar os elos perdidos que formam essa extraordinária corrente. O crime era interessante em si, mas nada significou para mim em comparação com a sequência inconcebível, que provocou o maior choque e a maior surpresa da minha vida, diante de todas as aventuras que já vivi. Mesmo agora, depois desse longo tempo, ainda me sinto estimulado ao pensar nisso, sendo atingido pela onda repentina de alegria, assombro e incredulidade que afoga minha mente. Permitam-me dizer para aquele público, o qual demonstra algum interesse nos vislumbres ocasionais

que lhe apresento acerca dos pensamentos e das ações de um homem deveras notável, que ele não deve me culpar por não ter compartilhado meu conhecimento, sendo que eu deveria considerar essa a minha principal obrigação, não tivesse sido eu impedido por uma proibição veemente proferida por ele mesmo, a qual só foi retirada no dia três do mês passado.

Pode-se imaginar que minha grande intimidade com Sherlock Holmes tenha despertado meu profundo interesse em crimes e que, depois de seu desaparecimento, eu nunca deixei de ler atentamente os diversos problemas que vinham a público. Cheguei até a tentar, mais de uma vez, e para satisfazer meu desejo particular, aplicar seus métodos na sua solução, mesmo que obtendo resultados medíocres. Não houve, porém, nenhum que tenha me atraído tanto quanto a tragédia sofrida por Ronald Adair. Enquanto eu lia provas de inquéritos que levavam a um veredicto de homicídio qualificado contra uma pessoa ou contra pessoas desconhecidas, sentia, de forma mais clara que nunca, a perda que a comunidade havia sofrido com a morte de Sherlock Holmes. Havia algumas questões estranhas que, tenho certeza, o teriam atraído, e os esforços da polícia seriam superados, ou mais provavelmente antecipados, pela observação treinada e a mente aguçada do primeiro detetive da Europa. Durante todo o dia, enquanto fazia minha ronda, eu repassava o caso na minha mente e não encontrava nenhuma explicação que me parecesse adequada. Correndo o risco de contar uma história já contada, vou recapitular os fatos que eram de conhecimento público na conclusão do inquérito.

O ilustre Ronald Adair era o segundo filho do conde de Maynooth, à época governador de uma das colônias australianas. A mãe de Adair havia voltado da Austrália para se submeter a uma cirurgia de catarata; ela, o filho Ronald e a filha Hilda moravam juntos na casa 427 da Park Lane. Os jovens logo entraram para a alta sociedade – e, até onde se sabia naquele momento, não tinham inimigos nem vícios particulares.

Ronald era noivo da senhorita Edith Woodley, de Carstairs, mas o noivado fora rompido por comum acordo e não havia nenhum sinal de que deixara algum tipo de ressentimento profundo para trás. No mais, a vida do homem seguia em um ciclo estreito e convencional, pois seus hábitos eram tranquilos e sua natureza não era nada emotiva. Ainda assim, foi sobre esse jovem e calmo aristocrata que a morte se abateu, da forma mais estranha e inesperada, entre 22h e 23h20 da noite de 30 de março de 1894.

Ronald Adair gostava de carteadado – jogando de forma contínua, mas sem nunca deixar que as apostas o prejudicassem financeiramente. Era sócio dos clubes de carteadado Baldwin, Cavendish e Bagatelle. Verificou-se que, depois do jantar do dia de sua morte, ele havia jogado uma partida de uíste neste último clube. Lá também jogara naquela tarde. As evidências daqueles que jogaram com ele – senhor Murray, Sir John Hardy e coronel Moran – mostraram que eles jogaram uíste e que as partidas foram bastante equilibradas. Adair talvez tenha perdido cinco libras, não mais que isso. Ele tinha uma fortuna considerável, e tal perda não o afetaria em nada. Jogava quase todos os dias naquele clube específico ou em algum outro, mas era um jogador cauteloso e geralmente parava quando estava ganhando. As evidências mostraram que, em parceria com o coronel Moran, ele, na verdade, ganhara 420 libras em uma rodada, algumas semanas antes, de Godfrey Milner e lord Balmoral. E foi essa a história que apareceu no inquérito.

Na noite do crime, ele voltou do clube exatamente às 22 horas. A mãe e a irmã tinham ido visitar um parente. A criada disse em seu depoimento que ouviu quando ele entrou na sala do segundo andar de frente para a rua, que geralmente era usada como sala de estar. Ela tinha acendido a lareira de lá e, como ficara enfumaçada, abrira a janela. Não se ouviu nenhum som na sala até as 23h20, quando Lady Maynooth e sua filha voltaram para casa. Desejando dar boa-noite, ela tentou entrar no quarto do filho. A porta estava trancada por dentro, e ela não obteve nenhuma

resposta, mesmo depois de batidas e chamados insistentes. Ela conseguiu ajuda, e a porta foi arrombada. O jovem desafortunado foi encontrado caído perto da mesa. A cabeça fora terrivelmente mutilada por uma bala expansiva de revólver, mas não havia nenhum tipo de arma no quarto. Na mesa havia duas notas promissórias de dez libras cada e dezessete libras e dez centavos em prata e ouro; o dinheiro arrumado em pilhas de quantias variáveis. Havia também uma folha de papel com algumas quantias anotadas diante do nome de alguns amigos do clube, donde se conjecturou que, antes da morte, ele estava fazendo um relatório de perdas e ganhos no jogo.

Um exame minucioso das circunstâncias serviu apenas para tornar o caso ainda mais complexo. Para começar, não se conseguiu encontrar motivo para explicar por que o jovem trancara a porta por dentro. Levantaram a possibilidade de o assassino ter feito isso e, depois, fugido pela janela. A queda, porém, era de pelo menos seis metros de altura e havia um canteiro de *Crocus sativus* em plena floração logo abaixo. Nem as flores nem a terra mostravam qualquer sinal de alteração, assim como não havia nenhum tipo de marca na estreita faixa de grama que separava a casa da rua. Desse modo, tudo indicava que tinha sido o próprio jovem quem trancara a porta. Mas como a morte o encontrou? Ninguém poderia ter escalado até a janela sem deixar vestígios. Imagine que um homem tenha disparado através da janela, mas ele teria de ser, na verdade, um exímio atirador para conseguir infligir um ferimento tão mortal. Novamente, Park Lane é um local bem movimentado; há um ponto de cabriolés a menos de cem metros da casa. Ninguém tinha ouvido um tiro. E, ainda assim, havia o morto e a bala do revólver, a qual se abrira em formato de um cogumelo, como acontece com as balas de ponta macia, causando um ferimento que deve ter provocado morte instantânea. Essas eram as circunstâncias do Mistério de Park Lane, as quais ficaram ainda mais complexas pela total ausência de motivo, uma vez que, como já disse, o jovem Adair não tinha inimigos conhecidos

e que não houve nenhuma tentativa de tirar o dinheiro nem qualquer objeto de valor do quarto.

Durante todo o dia, revirei esses fatos na cabeça, em uma tentativa de chegar a uma teoria capaz de reconciliar todos eles e encontrar aquela linha de menor resistência que meu pobre amigo declarava ser o ponto inicial de toda investigação. Confesso que fiz pouco progresso. Ao fim da tarde, atravessei o parque e, por volta das dezoito horas, estava no fim da Oxford Street, no final da Park Lane. Um grupo de curiosos na calçada, todos olhando para uma janela específica, me levaram à casa que eu tinha ido ver. Um homem alto e magro com óculos escuros, que suspeitei ser um detetive à paisana, estava apresentando algum tipo de teoria, enquanto os outros o rodeavam para ouvir o que dizia. Aproximei-me o máximo possível, mas seus comentários pareceram ser tão absurdos que logo me afastei, um tanto enjoado. Ao me retirar, acabei esbarrando em um idoso deformado, que estava atrás de mim, e derrubei vários dos livros que ele carregava. Lembro-me de que, ao pegá-los, observei que o título de um deles era *The Origin of Tree Worship*¹, e pensei que aquele senhor deveria ser algum bibliófilo pobre, que, por lucro ou por hobby, colecionava títulos obscuros. Tentei me desculpar pelo acidente, mas ficou bem claro que aqueles livros que infelizmente maltratei eram objetos muito preciosos aos olhos do dono. Com um resmungo de impaciência, ele deu meia-volta, e vi a corcunda curvada e a lateral do bigode branco desaparecer por entre a multidão de curiosos.

Minhas observações sobre a casa 427 da Park Lane não me ajudaram muito a resolver o problema que tanto me interessava. Havia um muro baixo e uma grade separando a casa da rua, com uma altura de não mais que um metro e meio. Era bastante fácil, portanto, para alguém entrar no jardim, mas a janela era totalmente inacessível, uma vez que não havia calha nem nada que pudesse ajudar o homem mais atlético a subir até lá. Mais intrigado que nunca, voltei para Kensington. Não estava nem

¹ A origem da adoração às árvores. (N.T.)

há cinco minutos no meu escritório, quando a criada entrou dizendo que havia uma pessoa que queria me ver. Para minha total surpresa, era ninguém menos que o estranho colecionador de livros, com seu rosto incisivo e pele enrugada emoldurada por cabelos brancos, que me observava enquanto segurava seus preciosos volumes, pelo menos uns dez, embaixo do braço direito.

– O senhor parece surpreso por me ver – declarou ele com voz estranha e rouca.

Admiti que estava.

– Bem, eu tenho consciência, senhor, e quando por acaso eu o vi entrar nesta casa quando vim à sua procura, pensei comigo mesmo que eu poderia entrar para conhecer o gentil cavalheiro e me desculpar por ter sido um pouco rude nas minhas maneiras, que não houve qualquer intenção negativa, e que eu me sinto na obrigação de agradecer-lhe por ter pego meus livros.

– O senhor se preocupa por muito pouco – respondi. – Posso perguntar como sabia quem eu era?

– Bem, se o senhor me permite a liberdade, sou seu vizinho, pois a minha pequena livraria fica na esquina da Church Street e, por certo, ficarei muito satisfeito de vê-lo lá. Talvez o senhor também seja um colecionador. Trouxe comigo os exemplares de *British Birds*, *Catullus* e *The Holy War*,² e todos por uma barganha. Com cinco volumes, o senhor poderia completar aquele espaço na segunda prateleira. O senhor não acha que ela parece um pouco desarrumada?

Olhei para trás para ver a estante. Quando me virei novamente, Sherlock Holmes estava diante da mesa do meu escritório, sorrindo para mim. Eu me levantei e fiquei olhando para ele, em total descrença, antes de, aparentemente, desmaiar pela primeira e última vez na minha vida. Por certo, uma névoa cinza girou diante dos meus olhos e, quando se dissipou, percebi que o colarinho estava aberto e senti o gosto de

² “Pássaros britânicos”, “Catulo” e “A guerra santa”. (N.T.)

conhaque nos lábios. Holmes estava inclinado sobre minha cadeira, segurando o frasco na mão.

– Meu caro Watson – disse a voz da qual eu me lembrava tão bem.
– Devo-lhe mil desculpas. Não imaginava que minha presença provocaria tamanho efeito em você.

Eu o agarrei pelos braços.

– Holmes! – exclamei. – É você mesmo? Como é possível que esteja vivo? É possível que tenha conseguido sair daquele abismo terrível?

– Espere um pouco – pediu ele. – Tem certeza de que está se sentindo realmente bem para discutir tais assuntos? Eu provoquei um sério choque com meu retorno desnecessariamente dramático.

– Estou bem, mas, realmente, Holmes. Eu mal posso acreditar nos meus olhos. Minha nossa! Pensar que você, entre todos os homens, estaria aqui no meu escritório – novamente o peguei pelo braço e senti o braço magro e forte sob a manga. – Bem, você não é um espírito – comentei. – Meu caro amigo, muito me alegra vê-lo. Sente-se e conte-me como saiu vivo daquele terrível abismo.

Sentou-se diante de mim e acendeu um cigarro, da forma displicente de sempre. Usava a sobrecasaca decadente do vendedor de livros, mas o resto daquele indivíduo formava uma pilha de cabelos brancos e livros velhos sobre a mesa. Holmes parecia ainda mais magro e afiado do que antigamente, mas havia uma palidez mortal no rosto que me dizia que sua vida não fora muito saudável ultimamente.

– Fico feliz por poder me alongar – disse ele. – Não é nada fácil quando um homem alto precisa encolher trinta centímetros por várias horas seguidas. Agora, meu caro amigo, quanto às explicações que me pede, nós temos, se eu puder contar com sua cooperação, uma noite de trabalho árduo e perigoso diante de nós. Talvez seja melhor se eu lhe der uma explicação de toda situação quando terminarmos esse trabalho.

– Estou deveras curioso. Prefiro ouvir a história agora.

– Você virá comigo esta noite?

– Quando quiser e para onde quiser.

– Isso de fato é como antigamente. Teremos tempo para um jantar rápido antes de irmos. Bem, então, sobre aquele abismo. Eu não tive nenhuma dificuldade de sair de lá, pelo simples motivo de jamais ter estado lá.

– Você nunca entrou?

– Não, Watson, eu nunca entrei. Meu bilhete para você foi absolutamente sincero. Eu realmente não tinha muitas dúvidas de que minha carreira tinha chegado ao fim quando vi a sinistra figura do falecido professor Moriarty no caminho estreito que levava à segurança. Percebi um objetivo inexorável nos olhos cinzentos. Troquei algumas palavras com ele, conseguindo, assim, a gentil permissão de escrever um bilhete curto que você recebeu posteriormente. Eu o deixei junto de minha cigareira e minha bengala e caminhei pela trilha com Moriarty me seguindo de perto. Quando cheguei ao final, fiquei parado. Ele não sacou nenhuma arma, mas se atirou contra mim e me agarrou com os braços compridos. Ele sabia que seu próprio jogo tinha chegado ao fim e estava ansioso para se vingar de mim. Cambaleamos juntos até a beirada. No entanto, eu tenho algum conhecimento de *baritsu*, o sistema japonês de luta, que já me foi útil mais de uma vez. Eu consegui me livrar dos braços dele, e ele, com um grito horrível, ficou chutando loucamente por alguns segundos, enquanto tentava agarrar o ar com as duas mãos. Apesar dos esforços, ele não conseguiu recobrar o equilíbrio e despencou. Pela beirada, testemunhei a longa queda, até que atingiu uma pedra, quicou e caiu nas águas.

Ouvi com assombro a explicação, a qual Holmes deu entre baforadas de fumaça do cigarro.

– Mas as pegadas! – exclamei. – Eu vi, com meus próprios olhos, que duas pessoas atravessaram a trilha e ninguém voltou.

– As coisas aconteceram desta forma. No instante que o professor desapareceu, percebi a extraordinária sorte que o Destino colocou nas

minhas mãos. Eu sabia que Moriarty não era o único homem que havia jurado minha morte. Havia, pelo menos, outros três cujo desejo de vingança contra mim aumentaria como resultado da morte do líder deles. Eram todos homens perigosos. Um ou outro por certo poderia acabar comigo. Por outro lado, se todos se convencessem de que eu estava morto, aqueles homens tomariam certas liberdades, se mostrariam mais cedo ou mais tarde, e eu poderia destruí-los. Só então chegaria o momento de anunciar que eu ainda fazia parte do mundo dos vivos. Meu cérebro age tão rápido que creio que todo esse plano tenha surgido antes que o professor Moriarty tivesse atingido o fundo das Cataratas de Reichenbach.

“Levantei-me e examinei a parede rochosa atrás de mim. No seu pitoresco relato do caso, que li com grande interesse alguns meses depois, você afirma que ela era escarpada. Mas isso não era exatamente verdadeiro. Havia alguns apoios em que eu poderia colocar os pés e havia algumas indicações de saliências. O penhasco era tão alto que o escalar era uma impossibilidade óbvia, assim como era impossível voltar pela trilha molhada sem deixar algum vestígio. É verdade que eu poderia ter colocado as botas ao contrário, como fiz em ocasiões semelhantes, mas a visão de três conjuntos de pegadas certamente sugeriria algum engodo. Considerando tudo, então, era melhor se eu me arriscasse na escalada. Não foi uma coisa muito agradável, Watson. A catarata rugia abaixo de mim. Não sou uma pessoa dada a arroubos de imaginação, mas juro para você que eu parecia ouvir a voz de Moriarty gritando comigo do fundo do abismo. Um erro poderia ser fatal. Mais de uma vez, quando tufos de mato saíram na minha mão ou meu pé escorregou nas fendas molhadas das rochas, achei que ia morrer. Mas me esforcei para continuar subindo e, por fim, cheguei a uma saliência com vários centímetros de profundidade, coberta de limo macio e verde, na qual eu poderia me deitar sem ser visto e no mais perfeito conforto. E era lá que eu estava deitado quando você, meu caro Watson, e todos os